



O DISCURSO RELIGIOSO NAS TIRINHAS DA MAFALDA: um olhar da Análise do Discurso

Joelma Soares de Lima¹

1 INTRODUÇÃO

Advindo de diálogos e narrativas dos romances de folhetins, associando estes às ilustrações e gravuras, as histórias em quadrinhos alcançam o que podemos chamar de *sui generis* com recortes visuais de ações e expressões linguísticas em balões, proporcionando uma nova maneira de representar a realidade. Este artigo assume o desafio de tratar/mostrar como a religião é abordada nas tirinhas da Mafalda observando o tratamento dado ao discurso religioso.

O discurso religioso está presente na nossa cultura de forma tal, que as crenças e opiniões evidenciam-se de forma sutil e incontrolável, pois os dizeres estão carregados da ideologia do falante que mesmo involuntariamente é vitrine do que acredita.

Para analisarmos essa relação entre as tirinhas com o discurso religioso na perspectiva da Análise do Discurso (AD) escolhemos algumas tirinhas presentes na rede social *Facebook*, com ampla exposição através de compartilhamentos, considerando o encontro entre língua(gem), sujeito e sentido como constitutivos do discurso e da identidade. Para tanto, estudamos e mobilizamos as noções de formação discursiva (FD) e de formação ideológica (FI), sendo estas que determinam e constituem os sentidos e os sujeitos.

Em seguida, trabalhamos com a noção de ideologia, a qual atua evidenciando os sentidos e interpelando o sujeito. Por fim, na análise do corpus, mostramos a presença e/ ou o entrelaçamento de saberes advindos de formações discursivas distintas, os quais muitas vezes se contrapõem e, outras vezes, se completam na produção dos sentidos. Portanto, ao lançarmos um olhar outro para o corpus,

¹ UFPE.

buscamos outra(s) possibilidade(s) de leitura a fim de comprovar que o sentido só se torna materialmente concebível quando pertence a uma determinada FD.

2 SUJEITO, SENTIDO E IDENTIDADE

O sujeito da Análise do Discurso tem um conceito próprio. É formado pelos traços do sujeito psicanalítico, ou seja, do inconsciente e pelos traços do sujeito do materialismo histórico, ou seja, ideológico. Esse sujeito, é social, determinado historicamente, assujeitado pela ideologia e afetado pelo inconsciente.

O sujeito se inscreve no discurso ao passo que assume posições-sujeito inerentes ao discurso articulado por ele. Essas posições-sujeito carregam marcas do social, do ideológico e do histórico. A construção identitária, por sua vez, é um processo que se dá mediado pelas relações com as pessoas, os valores, os sentidos, os símbolos e a cultura; sendo que o sujeito vai se constituindo à medida que internaliza valores e significados que permeiam o social. Sobre esta questão, Hall (2006, p.12) salienta que a ideologia:

É definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo deslocadas.

Dessa forma, é no intervalo entre o eu e o outro que o sujeito se constitui único, pois, o sujeito é o resultado das identificações, sejam elas imaginárias ou simbólicas, que como fios se cruzam e entrecruzam construindo a complexa rede do inconsciente, e por conseguinte a subjetividade. (CORRACINI, 2003)

As múltiplas identificações abordadas pela autora podem representar diferentes posições que o sujeito assume no discurso atravessadas pelo inconsciente. Sobre identidade, Orlandi (1998, p. 207) fala que “todo processo de significação é uma mexida (deslize) em redes de filiação (na relação entre formações discursivas, no conjunto da memória) de tal modo que o sujeito se produz ao mesmo tempo como repetição e como deslocamento.” Ou seja, o sujeito passa a dar conta de um lugar que pode ser preenchido por outras posições-sujeito em situações criadas pelas formações discursivas.

3 FORMAÇÃO DISCURSIVA

O conceito de Formação Discursiva em Foucault é desenvolvida principalmente na obra *Arqueologia do Saber*, publicado no ano de 1969. Anteriormente, em outros trabalhos como a *História da Loucura* e o *Nascimento da Clínica*, Foucault já havia analisado os mecanismos de formação do saber da medicina e da loucura. Na obras *As Palavras e as coisas*, Foucault observa a mudança dos saberes da época clássica para a época moderna (passagem do século XVIII ao século XIX) com relação aos temas da linguagem, do trabalho e da linguagem. Através dessa análise, ele aponta as relações entre fazer e dizer.

Foucault defende que a palavra institui a coisa, distanciando da ideia de que a palavra é a coisa, como também da concepção de linguagem como representação. Portanto, a linguagem se coloca em movimento pelos discursos e esses discursos, por sua vez, instituem os objetos de que falam; ou seja a discursivização, o falar sobre que constrói o “referente”. Portanto, Foucault, não procede a sua análise partindo do objeto ou do sujeito, porque ele não considera que esses elementos existem inicialmente. Eles só vão existir no momento em que forem constituídos por uma prática dentro de uma sociedade. O próprio sujeito é uma posição discursiva, uma função dos discursos. Sobre isso, Foucault (2000, p. 20-21). diz , “somos seres de linguagem e não seres que possuem linguagem”.

Foucault, com o intuito de construir o conceito de formação discursiva, opera os conceitos pela negativa, tendo em vista seu objetivo de descrever os mecanismos de constituição das “ciências do homem”. Tinha interesse em conhecer a Medicina, a Gramática, a Economia política, etc. Para ele, os discursos são uma dispersão, são formados por elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade a priori, cabendo a AD buscar as “regras de formação” para descrever essa dispersão que rege a formação do discurso.

Para Foucault (1997, p 43) “sempre que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos, transformações) entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, teremos uma formação discursiva. Para ele, as regras que determinam um FD

apresentam-se como um sistema de relações entre objetos, tipos enunciativos, conceitos e estratégias. Esses elementos possibilitam a passagem da dispersão para a regularidade caracterizando a FD em sua singularidade.

Pêcheux, com base na concepção althusseriana de ideologia formulou sua teoria do discurso, embora tenha afirmado em alguns textos que o conceito de FD é “emprestado” de Foucault. O conceito de FD usado por Pêcheux é aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição de um programa, etc. (PÊCHEUX, 1995, p.160, grifo do autor)

Pêcheux, determina a obrigatoriedade de um dizível que deve estar vinculado a uma posição ocupada pelo sujeito em um dada situação. Trata-se de um sujeito “descentrado”, projetado num espaço e num tempo. Essa projeção situa o discurso em relação aos “discursos outros” que aparecem em seu dizer advindos do interdiscurso. Ao falarmos em interdiscurso, mobilizamos um já-dito que constitui uma FD que se relaciona com outras FDs, assim produz diferentes sentidos ao se inscrever nesta e não naquela formação discursiva. Diante disso, Pêcheux fala que “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito).” (Pêcheux 1995: 163). Em outro momento, ele acrescenta que essa identificação se dá através da forma-sujeito. A concepção de sujeito como unitária e FD como homogênea é relativizada, tendo em vista que o sujeito é dividido com relação a ele mesmo ao realizar tomadas de posição referente aos saberes da FD que ele se inscreveu.

Sobre as modalidades de tomada de posição, Pêcheux elenca três. A primeira, seria a identificação plena do sujeito do discurso com a forma-sujeito da FD em que está inscrito. A segunda, o sujeito do discurso, através de uma “tomada de posição”, se contrapõe à forma-sujeito e aos saberes da FD que estava inscrito, instaurando a dúvida o que fará surgir diferentes posições-sujeito no interior da FD. Na terceira, o sujeito rompe com a FD que estava inscrito e passa a identificar-se com outra FD e com sua respectiva forma-sujeito. É o que Pêcheux vai chamar de desidentificação,

pois nessa modalidade não há mais nenhuma identificação com os saberes da forma-sujeito. (INDURSKY, 2007).

Pêcheux , para falar de FD em seu quadro da Análise do Discurso, em co-autoria com Fuchs, parte do conceito de Formação Ideológica (FI), que é constituído por um conjunto de atitudes e representações que comportam uma ou várias formações discursivas interligadas. Sobre isso, Orlandi (2001, p. 43) diz que “as formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente” e em relação a outros dizeres. Então, entendemos que FI é um conjunto de representações que uma determinada classe tem do mundo e é no discurso e através da formação discursiva que essa visão será materializada.

As sequências discursivas, ou seja, os objetos do discurso de um sujeito falante são dominados por uma determinada formação discursiva que são advindas do interdiscurso, como também as articulações entre esses objetos mediante os quais o sujeito vai dar coerência a seu interesse, a qual se dará no intradiscurso.

Os sentidos estão na dependência das FDs, pois os objetos do dizer do enunciador, ao mudarem de FD, podem ter outros sentidos. O pré-construído remete às evidências através das quais o sujeito dá aos objetos de seu discurso em uma determinada situação “o que cada um sabe” e “o que cada um pode ver”. (COURTINE, 2007).

Dessa forma, vemos que não é possível “cristalizarmos” uma FD trabalhando como se tivesse um conceito fechado e homogêneo de FD, porque pode ocorrer uma reconfiguração da FD com entrada de novos saberes anteriormente alheios. Indursky (2007, p. 84) fala que “isto ocorre porque a FD é dotada de fronteiras bastante porosas que permitem [...] a entrada de certos saberes que lhe eram alheios em um outro momento”. Isso acontece porque o sujeito enunciador, pode desidentificar-se com uma FD e inscrever-se em outra FD.

4 IDEOLOGIA: A PRODUÇÃO DE EVIDÊNCIAS

O movimento de interpretação que o sujeito realiza quando procura atribuir sentido a tudo que o rodeia, o faz achar evidente os sentidos que encontra como se estivesse sempre já-lá e, que deve ser acatado, pois parece óbvio. É nesse processo de interpretação que a ideologia reside. Para uma melhor compreensão do que no campo da Análise do Discurso é importante voltarmos um pouco na história.

Em 1967, Pêcheux, com o pseudônimo de Thomas Herbert, no texto *Observações para uma teoria geral das ideologias*, posiciona-se num contexto de Althusser com filiação em Marx. Pêcheux apresenta noções que fazem parte do quadro teórico da AD. Em suas filiações, temos o objeto de Lacan, que é o sujeito do inconsciente freudiano e temos o sujeito de Althusser o qual tem efeito duplo, pois se reconhece como sujeito e se sujeita a um Sujeito absoluto. O discurso, por sua vez, opera na ligação entre inconsciente e ideologia trabalhando com os saberes de ambos estudiosos. Portanto, é na e pela língua, que produz-se as ilusões que colocam o sujeito como a origem de seus pensamentos. Pêcheux, retomando as bases do materialismo histórico de Althusser, desarticula a noção de ideologia enquanto representação do mundo ou ainda como um bloco de ideias que servia a sociedade ou a uma classe propondo a reflexão de produção/reprodução/transformação na materialidade discursiva.

Pêcheux (1975) articula o materialismo histórico com à linguística e a teoria do discurso, dessa forma, dá-se origem a epistemologia básica da AD. O materialismo histórico é tomado uma área de conhecimento que refere-se a teoria das ideologias, como afirma Pêcheux e Fuchs 1997: 165: essa teoria está relacionada a “superestrutura ideológica em sua ligação com o modo de produção que domina a formação social considerada.” A ideologia, nesse contexto é entendida por meio do sujeito, que é explicado através da ideia de interpelação, ou que a AD chama de assujeitamento do sujeito enquanto sujeito ideológico. Dessa forma, o sujeito é levado a ocupar um determinado lugar em uma classe social, acreditando que ele escolhe esse lugar e que exerce sua livre vontade.

Ao produzir sentido, o sujeito está preso a um já-dito dentro de uma FD. Porém, ainda há espaço para que ele inscreva o seu dizer. Pêcheux mostra que a

interpelação ideológica constitui-se pela maneira em que se materializam os rituais, os quais fazem irromper, no discurso, por meio da memória discursiva, ou seja, o lugar da filiação do dizer. Para ele, é mais justo “caracterizar a luta ideológica de classes como um processo de reprodução-transformação das relações de produção existentes, de maneira a inscrever nessa noção a própria marca de contradição de classes que a constitui”. (PÊCHEUX 1995, p.298)

O acesso do analista ao discurso se dá por meio da materialidade linguística, o texto. Sobre ele, sabemos que é a unidade que o analista tem diante de si e da qual ele parte. Ele o remete a um discurso que se explicita em suas regularidades por meio da sua referência a uma ou outra FD, ganhando sentido porque deriva de um jogo definido pela FI dominante naquela conjuntura. (ORLANDI, 2001). Segundo Orlandi, mais importante que definir a ideologia como a ideologia “x”, é o processo de produzir “x”. Através das condições de produção desse “x” o analista vai determinar o que é entendido por ideologia.

Em Pêcheux, a ideologia e o inconsciente são tidos como estrutura-funcionamento, que dissimula a existência da ideologia, produzindo evidências que se tornam subjetivas. A partir disso percebe-se a necessidade de uma teoria não subjetivista da subjetividade onde os efeitos de evidência dos sujeitos são analisados. Então, a produção de sentido é feita pela ligação do sujeito afetado pela língua e pela história, por meio de interpretação que marca a subjetivação. Portanto, a tese de que não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia é confirmada.

A língua só faz sentido quando a história de alguma forma intervém, seja por meio do equívoco ou da falha, pela opacidade ou pela ilusão da literalidade, mostrando que o que falta se completa pela ausência. Ou seja, se não fossem as faltas, as brechas e/ou os movimentos do sujeito no discurso, a produção de “novos” sentidos não seria possível, pois não o desliz de sentido não teria espaço para acontecer.

A ideologia, entretanto, será compreendida como um processo histórico-discursivo, como linguagem passível de equívoco, para além do que é formulado. O equívoco se produz na relação entre o sujeito com o simbólico e do simbólico com a ideologia e com o inconsciente. (ORLANDI,1996). Ou seja, aquele que fala acredita ser ele a

origem do sentido, projeta-se na literalidade, imaginando que apenas alguns sentidos são interpretáveis, “quando na realidade há sempre interpretação. [...] A interpretação, por seu lado, se mostra discursivamente como necessidade da relação da língua com a história, ideologicamente constituída.” (ORLANDI, 1996 p. 146).

5 A MAFALDA

A personagem Mafalda foi criada na Argentina no ano de 1962 e publicada entre 1964 e 1973. Seu criador, cartunista argentino Joaquim Salvador Lavado é mais conhecido como Quino, suas histórias sempre em quadrinhos refletem preocupações sociais e políticas dos anos 60. Portanto, a partir das referências apresentadas e pesquisadas vamos mergulhar na leitura dessas tiras, tentando, por sua materialidade linguística, apreender processos de significação.

Mafalda, uma menina de seis anos, preocupada com o destino da humanidade, questiona o mundo a sua volta de forma crítica e perspicaz. Suas falas sempre surpreendem, seja com uma pergunta inusitada, ou expressão de tédio ou de pena frente a um personagem específico.

Os personagens que interagem com a Mafalda tem particularidades psicológicas e sociais que ajudam na construção da personagem principal ao transitar entre diversos temas. A família da personagem é bem modesta, sua mãe é uma dona de casa que para dedicar-se exclusivamente a família abandonou a universidade e esse é um dos motivos de crítica da Mafalda. Seu pai, de desejos simples, trabalha em uma companhia de seguros e por vezes enfrenta dificuldade financeira. É com seu pai que Mafalda tem seus maiores embates. Seu irmão mais novo Guille, representa a idade da inocência e é Mafalda quem apresenta-lhe o mundo. Eles representam a diferença de opiniões entre gerações separadas por apenas alguns anos. O Manolo, é um garoto de baixo nível sócio-cultural, ele trabalha no armazém e tem uma grande habilidade comercial. Nas tirinhas ele representa as pessoas que fazem do trabalho sua única razão de viver. Suzanita, é uma menina de classe social elevada, dotada de egocentrismo e malícia, muitas vezes é arrogante e magoa os seus amigos ou humilha os de condição financeira inferior. Tem um futuro planejado: um casamento com um homem rico, ter muitos filhos e ser dona de casa.

Ela detesta as reflexões da sua amiga Mafalda que questiona a realidade nacional e internacional. Para Suzanita, o problema da pobreza seria facilmente resolvido escondendo os pobres.

Liberdade, é o nome de uma criança bem pequena em relação as outras crianças e com isso faz uma metáfora da própria liberdade. Liberdade é a representante dos ideais políticos e das utopias, sempre fala o que pensa sem pensar nas consequências. É muito admirada pela Mafalda e odiada pela Suzanita, os diálogos entre Liberdade e Suzanita representa luta de classes.

Filipe é o desligado, tímido, preguiçoso e sonhador. É inseguro em relação ao futuro e acredita em tudo que lê e/ou ouve. Tem ideias mirabolantes das quais os amigos desdenham, o que deixa cabisbaixo. Miguelito é um garotinho doce e inocente, também é sonhador, porém muito egoísta. Ele acredita ser o centro do mundo e ninguém consegue tirar essa ideia de sua cabeça. Reflete sobre questões sem importância e não consegue explicar as contradições do mundo.

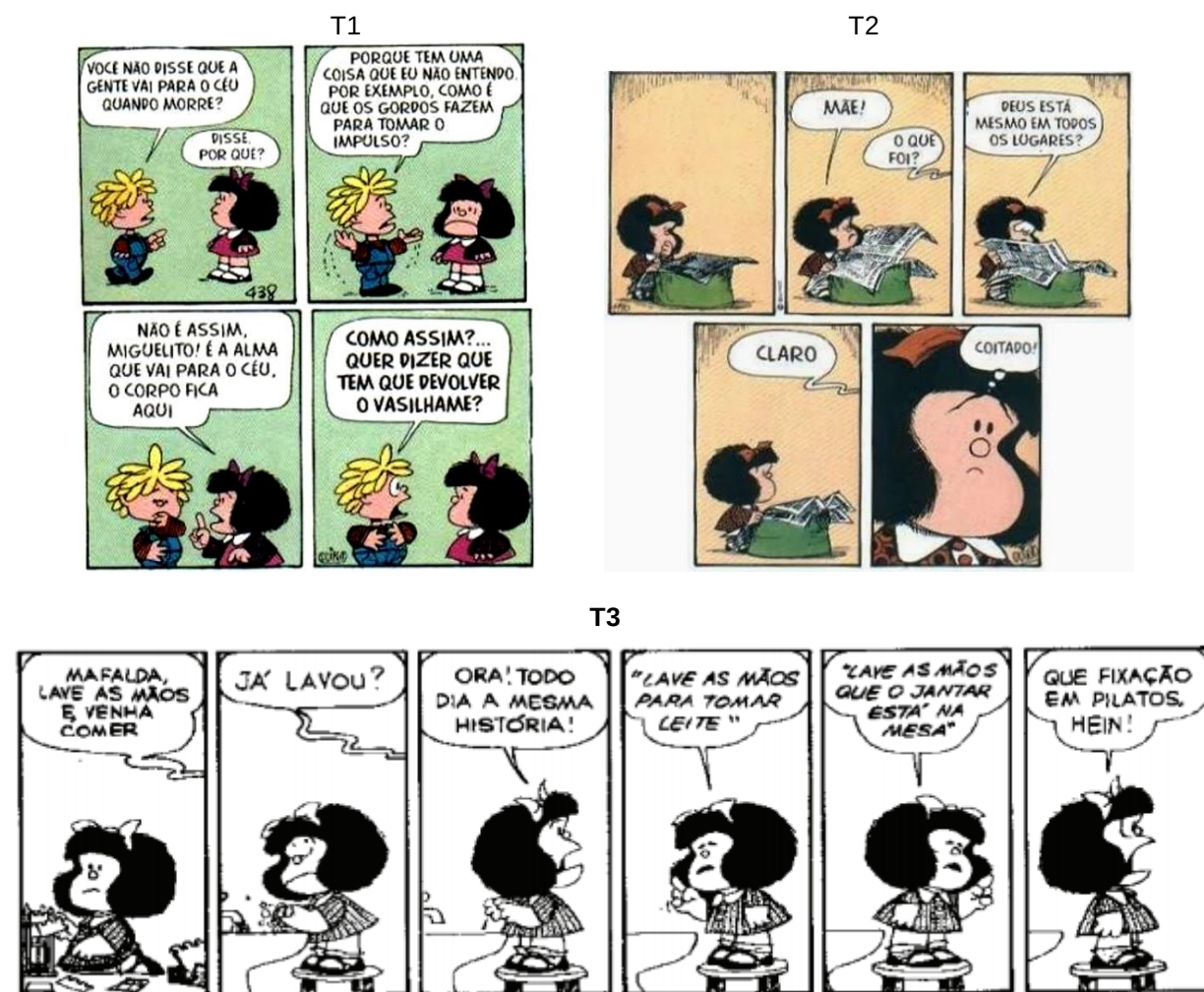
A realidade de Mafalda, é formada por esse seletto e pequeno grupo onde cada personagem representa um aspecto da sociedade. As tirinhas de Quino propõe uma reflexão sobre a realidade, os dilemas do mundo contemporâneo e questões antigas quanto o próprio ser humano. Mafalda é uma criança que se espanta com o mundo e tem dificuldade de aceitar as obviedades do cotidiano. Ela é questionadora e com uma criticidade ácida trata de temas atuais e recorrentes. Apesar de ser histórias em quadrinhos com personagens em sua maioria crianças, o público alvo são os adultos. Os seus leitores, procuram entender a posição de Mafalda frente aos mais diversos assuntos, desde relações de poder na sociedade, educação, religião, preconceito, política entre outras coisas.

Cada tirinha traz uma perspectiva diferente por essa garotinha que fala o que pensa e acaba colocando os adultos com quem convive em situações embaraçosas. Mafalda, com senso de humor critica a realidade e ironiza situações refletindo sobre questões cruciais com uma linguagem radical e aparentemente ingênua. As críticas feitas nas décadas de 60 e 70 ainda são extremamente atuais.

6 ANÁLISE DO CORPUS

O *corpus* é composto por três tirinhas da Mafalda retiradas da rede social *facebook* da página “Tirinhas da Mafalda” com acesso em 05 de julho de 2016. Foram escolhidas pela grande repercussão nos comentários e/ou número de compartilhamentos, tendo em vista que há outras tirinhas da Mafalda que apresenta o discurso religioso.

Para facilitar a leitura nomearemos as tirinhas por T1, T2 e T3², respectivamente.



² T1 – Disponível em: <https://www.facebook.com/TirinhasDaMafaldaBr/photos/a.283237098406769.69370.283228255074320/470545589675918/?type=3&theater>. Acesso em: 05 jul. 2016

T2 - Disponível em: <https://www.facebook.com/TirinhasDaMafaldaBr/photos/a.283237098406769.69370.283228255074320/479038798826597/?type=3&theater>. Acesso em: 05 jul. 2016

T3 - Disponível em: <https://www.facebook.com/TirinhasDaMafaldaBr/photos/a.2837098406769.69370.283228255074320/477666705630473/?type=3&theater>. Acesso em: 05 jul. 2016

Na T1, no primeiro quadrinho, Miguelito, se dirige à Mafalda para esclarecer sua dúvida. É possível perceber na primeira fala dos dois personagens que, Mafalda já havia comentado com ele em algum momento que, quando uma pessoa morre vai para o céu.

Essa inferência se dá por meio do discurso do personagem “você não diz que a gente vai para o céu quando morre?”. Essa hipótese de que vamos para o céu quando morremos nos remete ao pré-construído do discurso do cristianismo. No segundo quadrinho, o personagem Miguelito questiona como um corpo, como ele diz “gordo”, pode subir para o céu. Essa questão, nos remete a outro conceito da física: a gravidade dos corpos. Miguelito, uma criança ainda bem pequena, ainda não consegue compreender as contradições do mundo, não compreende ainda aquilo que não se vê, e sim aquilo que é matéria. A primeira pergunta está relacionada com a segunda, pois Miguelito demonstra primeiramente querer se certificar que as almas vão para o céu e em seguida tirar dúvida sobre o que acontece com o corpo. De acordo com o Cristianismo, “o que crê será salvo” ou seja, a morte ocorre apenas na materialidade do corpo, a alma irá habitar no céu.

No T2, vemos a Mafalda lendo jornal que pode ser considerada a vitrine do que está acontecendo em determinados lugares do país. Pela expressão da menina, é possível inferir que as notícias não são boas, pois ao perguntar a sua mãe sobre a onipresença de Deus ela o coloca como “coitado”. O Cristianismo prega a onipresença e onisciência de Deus, que Ele tudo vê, tudo conhece e está em todos os lugares a todo momento. Para que esse discurso faça sentido ao leitor, ele precisa ter conhecimento dessa FI. Ao sentir “pena” de Deus, no último quadrinho, Mafalda subverte o discurso religioso, pois em momento algum a ideia de Deus como coitado é transmitida por essa FI já que Deus é considerado o Todo Poderoso.

No T3 quadrinho, vemos um diálogo com a Mafalda e o que parece ser sua mãe. A mãe, pede que Mafalda lave as mãos para então comer. Mafalda reclama o fato da mãe pedir com recorrência que ela lave as mãos e encerra a fala trazendo à memória um personagem do contexto cristão muito conhecido chamado Pilatos. Pilatos, era o governador da Judéia no momento em que Jesus foi crucificado. Por ser governador, Pilatos tinha o poder de soltar Jesus e livrá-lo da morte, todavia, na

frente de todo o povo ele pede que lhe tragam água em uma bacia e lava as mãos. Em seguida ele diz “Estou inocente do sangue deste justo. Considerai isso.” (Mateus 27:24-24) Esse ato representou a isenção de Pilatos diante da morte de Jesus. Dessa forma ele deu a incumbência de matar ou soltar Jesus, ao povo.

Fica claro, portanto, que o leitor que não pertence a essa FI não construirá sentido nesse quadrinho e o objetivo de ser cômico não será atingido.

O Cristianismo, protagonizado pela igreja católica no Brasil, é conhecida por nós como aquela que catequizou os índios, e assim, tornando-se um paralelo da nossa cultura. O discurso religioso ainda é muito presente na nossa sociedade, mesmo entre aqueles que se afirmam agnósticos.

Brandão (1999, p. 23) diz que “a ideologia se materializa nos atos concretos, assumindo com essa objetivação um caráter moldador das ações”, dessa forma, o sujeito inconscientemente toma um discurso da ideologia para si e o reproduz sem ao menos perceber. Sobre essa questão, Maingueneau, fala que todo discurso mantém uma relação essencial com os elementos pré-construídos. O interdiscurso consiste em um processo de reconfiguração incessante no qual uma forma discursiva é levada [...] a incorporar elementos pré-construídos, produzidos fora dela, com ele provocando sua redefinição e redirecionamento, suscitando, igualmente, o chamamento de seus próprios elementos para organizar sua repetição, mas também provocando, eventualmente, o apagamento, o esquecimento ou mesmo a denegação de determinados elementos. (MAINGUENEAU, 1997, p.113).

Constatamos, no entanto, uma forte presença de uma FD relacionada ao conceito de morte, alma e céu, que é o discurso religioso cristão, bastante comum em nossa sociedade. Dessa forma, implicitamente, o sujeito empírico perde a centralidade. O sujeito reproduz um discurso de uma FI na qual ele está inserido.

Na T1, no terceiro quadrinho, Mafalda confirma com convicção a ideia da alma ir para o céu e, mesmo que as crenças do leitor sejam adversas, o discurso conduz à compreensão para que o último quadrinho produza sentido. Por fim, Miguelito,

demonstra não compreender e associa o seu corpo com um vasilhame, como se fosse emprestado, a alma fica no corpo até a morte chegar, depois devolve-se o vasilhame, ou seja, o corpo que abrigava a alma.

Na T2, no último quadrinho, ao pensar em Deus como coitado, Mafalda demonstra um indício de mau sujeito, pois tanto na T1 quanto na T2, percebemos dois discursos distintos, o cristão e o pagão, pois Miguelito na T1, e Mafalda na T2 faz uma constatação dissonante com o discurso religioso, onde podemos perceber o conceito de heterogeneidade. Sobre isso, Mussalim (2004), segundo teorias de Authier-Revuz (1982), que “[...] a heterogeneidade mostrada é uma tentativa de harmonizar as diferentes vozes que atravessam o discurso, numa busca pela unidade, mesmo que ilusória [...].”

O leitor, que provavelmente vive em um mesmo período sócio-histórico em que o discurso foi produzido, compreenderá o sentido dos quadrinhos e os tornará em algo cômico pois perceberá a relação entre o vasilhame e o corpo, entre Deus e o sentimento de pena da Mafalda, como também entre ela e Pilatos ao ter que lavar as mãos. Orlandi, 2001, p 46 afirma que “A ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos”.

Portanto, conseguimos compreender os sentidos produzidos pela tirinha porque conhecemos os conceitos de céu, alma e corpo e temos uma mesma Formação Ideológica.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Formações Discursivas não tem fronteiras permanentes. Elas relacionam-se umas com as outras e os efeitos de sentido surgem a partir destas relações, que podem ser de identificação, ou não.

Na análise que realizamos, percebemos o movimento do discurso no processo de construção de sentido.

A abordagem religiosa feita nos quadrinhos subverte padrões convencionais quando coloca a divindade a cargo do humor. Percebemos que há uma mudança de

concepções sobre o modo de ver, se relacionar e de compreender as que o provisório habita o sujeito. Desse modo, o processo de identificação muda a todo o momento e isso faz com que os as chances dos sujeitos se identificarem são muitas.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. 1985. **Aparelhos ideológicos do estado**. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal.

AUTHIER-REVUZ, J. 1982. Heterogeneité montrée et heterogeneité constitutive: elements pour une approche de l'autre dans Le discours. In: **DRLAV – Revue de Linguistique**, 26.

BRANDÃO, Helena. 2002. **Introdução à análise do discurso**. São Paulo: UNICAMP. 8. ed..

COURTINE, Jean-Jacques. 1982. **Définition d'orientations théoriques et Constructions de procédures en Analyse du Discours**. Philosophiques, V. IX, n. 2.

FOUCAULT, Michel. 2001 (1969). **A Arqueologia do saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

_____. 2000 (1979). **Microfísica do poder**. 15 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal.

HALL, Stuart. 2006. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A.

INDURSKY, Freda. 2007. Da interpelação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção de formação discursiva. In: Roberto Leiser Baronas (Org.). **Análise do discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro & João Editores, pp. 75-87

MAINGUENEAU, Dominique. 1997. **Novas tendências em análise do discurso**. 3.ed. Campinas, SP: Pontes Editora da Unicamp.

MUSSALIM, Fernanda. 2003. **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. 3. ed. São Paulo: Cortez.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. 2001. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 3. ed. Campinas: Pontes.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. 1997 (1975). A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas. In: F. Gadet; T. Hak (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3 ed. Campinas: Ed. da Unicamp, pp. 163-252.

PÊCHEUX, Michel. (1969) 1997. Análise automática do discurso (AAD-69). In: F. Gadet; T. Hak (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3 ed. Campinas: Ed. da Unicamp, pp. 61-161.

_____. (1975) 1995. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2 ed. Campinas: Ed. da Unicamp.